

Tenho ideia que alguém comparou o nosso movimento às igrejas (ao edifício, não à instituição), porque estas abrem as suas portas a toda a gente, e até os cães se entram, e quando saem, por vezes alguma a perca e com muito orgulho as almas do céu.

Simbolicamente, é o procedimento de certa pseudo-anarquista, que mais vale, que nunca tivesse usado tal denominação.

Pag. 157 - Ismael Pimentel - Figura um tanto esquecida, mas, na minha opinião, merece ser lembrada.

Era proprietário dum farmácia, no bairro de Esperança, em Lisboa - bairro popular, a cuja população ele atendia fraternalmente, avisando-os sempre dos perigos que representam certos medicamentos.

Foi editor do jornal anarquista "Sementeira", mas depois Hilário Marques riscou o seu nome, por lhe ter desagradado a sua atitude perante os abusos dos republicanos.

É que na Farmácia paravam uns vizinhos de ideias monárquicas a criticar as patifarias feitas pelos democráticos, e, como eram verdadeiros, o Ismael fazia com eles, com o que o Hilário discordou indignado.

Eu, também, não aprovo a atitude do primeiro, mas também, não a condeno, pois, certamente, que o fazie inadvertidamente, sem renegar as suas ideias.

Continuo, por isso, a respeitar a sua memória.

Pag. 158 - Uma pequena observação sem importância.

Eu e Aurélius Quintanilha não aderimos ao anarquismo em seguida à Revolução de Maio de 1912 em Lisboa. Já o tinhamos feito anteriormente, e por questões diferentes, como, depois escreverei, mas não pode ser publicado, neste página.

O elogio feito aos dois, considero-o exagerado para a minha pessoa, pois muito pouco fiz, para o que desejaria fazer em defesa de Anarquia.

Saudações fraternais de A. Botelho